

Canções de boca de noite para doutos de pão na mão

Anderson Gonçalves e Gilberto Tedéia

Deixam o céu por ser escuro e vão ao inferno a procura de luz. – Girando em torno de si, o carrossel de Lampedusa se repete sempre: como se puro e simples movimento e mudança de canto (no mesmo velho campo) fossem um algo outro de salvação, e por isso nunca firma assento fora do círculo – objetivamente, pouco importa, aí, o que for. Que o inferno tenha mudado de nome soa capital, o que talvez causasse aversão a um demônio mais clássico (ele contudo superaria – e supera – a “ingenuidade” mas não o sentimento das leis do mercado). Imerso todavia no sentimental, o tipinho que tagarela seu não (*Neinsager*), põe-se – como mais um dos *castrati* sociais, em plena bênção do complexo de Abelardo – à maneira de um Hamlet, figura hipertrofiada que só sabe de si mesma e inepta a todo *como*, burro de carga da cultura (*Kulturträger*). A ele o Doutor, sempre da “estirpe” do paciente, dá o diagnóstico: “Sofre de entendimento e não há razão que se apresente” Uma epopéia recente, em toda sua improbabilidade de gênero, teria como Odisseus um velho caolho sobre o qual o tempo abate com mão pesada: “Rugas, dentes, calva... Uma aceitação maior de tudo, e o medo de novas descobertas”. Cansadas da falta de paciência essas figuras se dizem calejadas, os anos lhes ensinam o desrespeito à impaciência e portanto a calma de acatar e remedar de bom grado o “Tudo bem! é assim mesmo” Vá lá, diante de todo esse limbo e nirvana trágicos, se o que já se disse é na vera, qualquer *enragé* ou pretendente a engajamento, ou nada disso simplesmente, se pergunta: Se “a prosa do economista é um poema lírico inteiramente explicitado”, por que permanecemos na *lírica*?

A filosofia hoje me auxilia a viver indiferente. – E o diabo da lembrança é chumbo maciço na moleira adentro, que nem cicatriz devém. Deslocada, cai a lembrança na cabeça carregada entre deveres, e átimo! caminho desfeito. Perdida aí as passagens de dia sobre outro, as viravoltas continuam sem a história do percurso. Mas nem tudo está perdido: *de imediato*, um desenrolar sobre si em autêntica solidez e sozinha, esplêndida e plena neutralidade de curandeiro contra males e bens. Ou, expresso com a certeza de uma pororoca, *indiferenciação*: “Sabemos dar nossa vida inteira todos os dias”, diz o outro, ao que um autêntico remenda de voz alta: “T’áí a vidinha!” (*Da ist das Dasein!*). Enquanto no compasso do metrônomo de esferas especulativas e fomentadoras de pesquisas, a grande empresa universitária, reflexivamente, em sã e calma consciência, gerencia esbaforida o mapa matematizado de cada punhado de horas nessa “exuberância irracional” (copirraite do *Federal Reserve Board*): ponto escuro, caminho redobrado – e sempre a coisa de sempre. Nós outros *la canaille*? não, mas sim uma estomacal moção de apoio da cicatriz à ferida, não dizer o que se quis dizer e nisso dizer o que é, ato falho (*Verstellung*) exposto: jovem *cocoon*, eriçado de fins e interesses, mediados por coquetéis de lançamentos de mais um “Clube de doutos” que o afoito chamaria de eterno retorno do mesmo – discursos, cargos e ensaios abarrotados de crítica assepsia e *papers* feitos carcaças sarapintadas de palavras com ferrões (*Stichwörter*): o que fora em Weimar estertor da “originalidade” burguesa faz-se hoje alegre, ainda que séria, marcha natural no devido burgo conquistado; cada macaco no seu galho (*Ordnung*). O mano, todavia, mete o dedo na moleira do moleque abstraído em sua dor que não cabe no mundo (*Weltschmerz*); contudo, são onze rodas de chope e fulana, o mito, vai se rindo... Foi-se, sem assinar os papéis.